

Mapas indicam áreas em perigo na Amazônia

Três mapas revelam que o grande núcleo da bacia amazônica está menos devastado do que se supõe

RAIMUNDO JOSÉ PINTO

BELÉM — O grande núcleo da bacia amazônica, onde está a floresta densa, a verdadeira hiléia que ocupa 1,9 milhão dos 5,2 milhões de hectares que constituem a Amazônia Legal, muito pouco atingido pelos desmatamentos e queimadas, cuja repercussão internacional tem sido tão ampla nos últimos anos. As áreas críticas estão na verdade localizadas na periferia desse núcleo, onde o revestimento vegetal é formado predominantemente por cerrados e pela floresta de transição, que marca a passagem da floresta amazônica para outras formações vegetais.

Essa é uma das revelações que constam de um conjunto de três mapas lançados pela Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam), relativos a solo, vegetação e geologia, que compõem o zoneamento das potencialidades dos recursos naturais da Amazônia. Preparados em convênio com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os mapas permitem indicar áreas mais favoráveis à exploração madeireira, extrativismo vegetal, reflorestamento, exploração agropecuária, conservação e preservação, além de regiões que justifiquem investimentos no setor mineral.

O mapa de solos mostra que apenas 9,06% deles são férteis, localizados em várzeas e algumas vezes em terra firme, e representam 46 milhões de hectares, quase o total da área plantada hoje no Brasil. O mapa deixa claro que a grande maioria dos projetos de colonização do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) ao longo das rodovias Transamazônica e Cuiabá-Santarém se deu em solos inadequados para a agricultura.

EQUÍVOCO

A diretora do Departamento de Recursos Naturais da Sudam, Clara Pandolfo, revela que agora fica nítida a existência de

um grande equívoco em relação à abertura de novas frentes agropecuárias no cerrado de Mato Grosso: "Grita-se no Exterior que estão queimando a floresta amazônica que, na verdade, está pouco tocada". Ela entretanto faz questão de ressaltar que esse fato não exime o governo brasileiro da responsabilidade de adotar, com urgência, "medidas para salvaguardar o patrimônio florestal amazônico, pois à medida que o fluxo populacional for se intensificando, a tendência será de se adentrar pela região e acabar alcançando o grande domínio central da hiléia".

Clara Pandolfo explica que o mapa de vegetação mostra bem que não é correto falar da floresta amazônica como um todo porque existem outros nove tipos de composição vegetal diferentes na hiléia. A própria hiléia, ou floresta tropical chuvosa, é dividida em floresta de várzea — marginal aos cursos do Rio Amazonas e seus afluentes — e de terra firme. Com algumas características bem diferentes da hiléia, existem ainda as florestas pluviais abertas e de transição. Juntas, as forma-

ções florestais ocupam 64% da região.

COEXISTÊNCIA

Com base na análise das imagens de radar fornecidas pelo Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe), Clara revela que a taxa de 7,01% de alteração da cobertura vegetal da Amazônia está concentrada na faixa de cerrados, ao Sul da região, subindo pela faixa de transição para alcançar, na parte oriental do Pará, a floresta tipicamente amazônica. Esta, por sua vez, cede lugar à pastagem, principalmente no município de Paragominas.

Como 64% da Amazônia é coberta por formações florestais, Clara acha que qualquer política que pretenda ordenar o processo de ocupação na região terá de levar em conta o problema florestal, pois além de sua função ecológica a floresta tem um enorme significado econômico, com um potencial madeireiro estimado em 50 milhões de metros cúbicos. "O homem pode viver na floresta sem precisar derrubá-la para desenvolver suas atividades", prega a diretora da Sudam.

